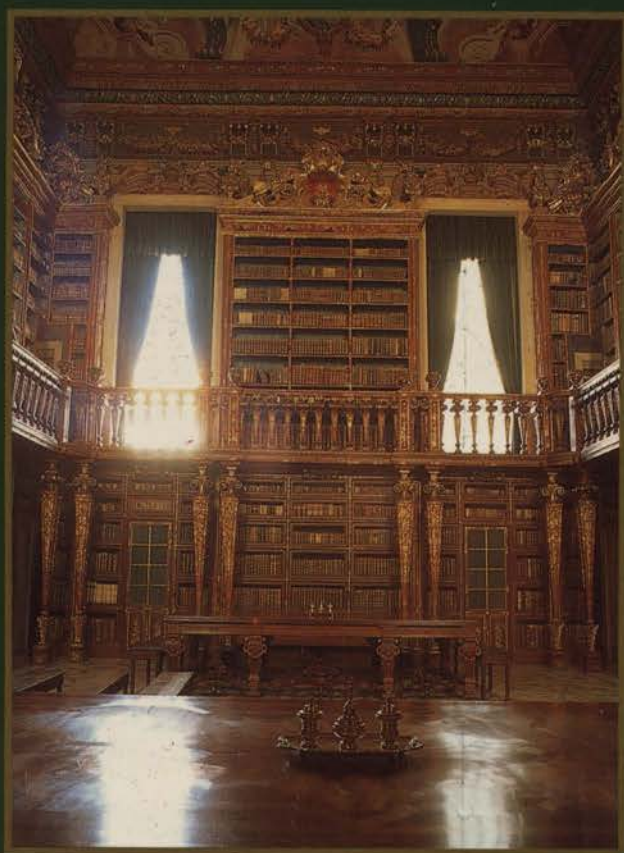


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 12

# UNIVERSIDADE



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1990

se entende por «cultura popular», que tem um significado fundamental na ideologia salazarista.

Luís Reis Torgal

### CONGRESSO «HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE»

No contexto do 7.º Centenário da Universidade, realizaram-se várias manifestações culturais e científicas promovidas por diversas instituições académicas. Entre elas, efectuou-se de 5 a 9 de Março de 1990 — poucos dias após a sessão solene de 1 de Março, a que presidiu Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, que deu início ao ano comemorativo — o congresso «História da Universidade». Organizado pelos Institutos de História e Teoria das Ideias, de História Económica e Social e de História da Arte, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e pela área de História da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, iniciou-se na Sala Grande dos Actos com uma sessão solene presidida pelo Magnífico Reitor, Prof. Rui de Alarcão. Nesta sessão, depois de o Presidente do Congresso, Prof. Luís Reis Torgal, ter dito algumas palavras de abertura, o Prof. António Ferrer Correia, Magnífico Reitor Honorário da Universidade de Coimbra, proferiu uma conferência «Sobre o problema da Autonomia das Universidades em Portugal: o passado e o presente», encerrando a sessão o Magnífico Reitor.

As sessões de trabalho realizaram-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dividindo-se em várias sessões subordinadas a diversos temas. Nelas apresentaram 133 comunicações 144 investigadores das mais variadas formações científicas, com os mais diversos estatutos profissionais e de sete nacionalidades, e estiveram presentes, no seu conjunto, cerca de 500 congressistas.

A sessão de encerramento, que teve como lugar o Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, foi presidida pelo Vice-Reitor Prof. Fernando Rebelo, que dirigiu aos presentes as últimas palavras sobre o congresso. Antes disso, o Prof. Miguel Baptista Pereira, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, proferiu uma conferência, subordinada ao tema: «Reflexões sobre a essência e a autonomia da Universidade», e o Prof. Joaquim Ferreira Gomes, em nome da Comissão Organizadora, leu as conclusões do congresso.

Menos de um ano decorrido após o congresso «História da Universidade», em sessão solene presidida pelo Magnífico Reitor na Sala do Senado da Universidade de Coimbra, verificou-se a apresentação das suas actas. Depois de, numa sessão autónoma, ter sido inaugura-

da na Biblioteca Joanina uma exposição bibliográfica e documental sobre a Universidade de Coimbra, em que tomaram a palavra o Director da Biblioteca da Universidade, Prof. Aníbal Pinto de Castro, e o Magnífico Reitor, tendo actuado de seguida o Coro Misto da Universidade de Coimbra, foram, pois, apresentadas aos convidados e ao público em geral, agora na Sala do Senado, os 5 volumes das actas, a que se deu o título *Universidade(s). História, Memória, Perspectivas*. O Pró-Reitor para as Comemorações, Prof. Manuel Augusto Rodrigues, iniciou a sessão, referindo-se não só, de forma genérica, às actas, mas também a outras publicações que então foram igualmente apresentadas. O Presidente do Congresso reflectiu sobre o sentido do Congresso e das actas agora publicadas, posto o que o Magnífico Reitor teceu algumas considerações sobre o significado e o alcance das comemorações, das obras que se publicaram, bem como de outras manifestações culturais e científicas até agora realizadas ou a realizar.

Como as palavras do Presidente do Congresso dão uma ideia do sentimento e da concepção que presidiram à sua organização, bem como da metodologia que esteve na base da publicação das actas, transcreve-se aqui na íntegra o seu discurso:

Magnífico Reitor

Ex.<sup>mos</sup> Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitor para as Comemorações do 7.<sup>o</sup> Centenário da Universidade

Ex.<sup>mas</sup> Autoridades

Ex.<sup>mos</sup> Senhores Representantes das Instituições Públicas e Privadas apoiantes do Congresso «História da Universidade»

Ex.<sup>mos</sup> Senhores Participantes do Congresso «História da Universidade»

Ex.<sup>mos</sup> Senhores Representantes dos Órgãos da Comunicação Social

Caros Colegas, Estudantes e Funcionários

Minhas Senhores e Meus Senhores

Cabe-me a mim, como Presidente da Comissão Organizadora do Congresso «História da Universidade», realizado há menos de um ano, apresentar as actas, que agora surgem a público. É o fim de um longo percurso de mais de três anos!

Com efeito, data de Maio de 1988 o primeiro ofício que a Comissão Organizadora do Congresso emitiu. Antes disso, porém, em fins de 1987, iniciaram-se os contactos entre os Institutos da Faculdade de Letras que nela se integraram e a área de História da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

O sentimento que presidiu a esta precocidade foi o de que se avizinhava o centenário da primeira data significativa da história da Uni-

versidade — 12 de Novembro de 1288, altura em que altos membros do clero português, reunidos em Montemor-o-Novo, pediram ao Sumo Pontífice que criasse um «Estudo Geral». Foi por esse motivo que, à volta do dia 12 de Novembro de 1988, demos a primeira conferência de imprensa.

O Congresso veio a realizar-se tempos mais tarde, em mês e ano bem representativos da história da Universidade, Março de 1990, nos dias 5 a 9, e, agora, menos de um ano decorrido, em data simbólica bem precisa, 1 de Março, vimos aqui apresentar as actas já publicadas.

As dificuldades foram grandes e só ultrapassadas devido à militância de alguns docentes, funcionários e estudantes, o que em boa verdade já está ficando fora de moda, numa altura de indefinição do estatuto das Universidades, em que os «interesses» de toda a ordem se sobrepõem, muitas vezes, aos «ideais» e ao desejo de ser útil à comunidade. Mas essas dificuldades foram também superadas devido aos apoios que tivemos de várias instituições públicas e privadas, a começar naturalmente pela Reitoria da nossa Universidade e pela Pró-Reitoria para as Comemorações do 7.º Centenário. Como disse na sessão de abertura do Congresso, só as empresas de Coimbra faltaram ao nosso apelo, confirmando aquilo que venho dizendo — a Universidade já não é mais uma Cidadela ou uma Torre de Marfim, mas a Comunidade olha-a como tal e nem sempre lhe presta o devido apoio.

Este Congresso esteve, pois, desde o início, marcado pelas datas centenárias. No entanto, por contraditório que isso pareça, sempre dissemos que não desejávamos levar a efeito um «congresso comemoracionista», que erguesse ou reerguesse os mitos da *Alma Mater*, sem os procurar descodificar e analisar. Pretendemos sim, que esta iniciativa fosse um espaço de discussão de ideias. Desejávamos que fosse um Congresso que actualizasse a História da Universidade, ou das Universidades, mas que, ao mesmo tempo, trouxesse ao de cima as imagens da memória e que debatesse os problemas actuais e do futuro. Por isso, pretendemos torná-lo também um espaço de interdisciplinaridade e de inter-universidade. E ainda por isso, nas conclusões do Congresso, lidas pelo Professor Ferreira Gomes, na sessão de encerramento realizada em 9 de Março, lançámos desafios de que aqui recordamos alguns: a defesa do Património universitário, infelizmente muito degradado, a necessidade urgente de se preparar «uma História da Universidade de carácter multidisciplinar» e o apelo à comunidade académica para que «fomente a discussão organizada dos problemas da Universidade, tendo em vista encontrar as soluções científicas, pedagógicas e administrativas capazes de responder às solicitações da sociedade e à acelerada renovação dos campos do saber».

Houve, pois, na Comissão Organizadora, que represento, a saudável ambição de que este Congresso não fosse um Congresso «histo-

ricista». Foi conseguido esse objectivo? Pelo menos a multiplicidade temática de comunicações pode, até certo ponto, comprová-lo. As 14 secções em que foram divididos os cinco grossos volumes agora publicados dão conta desta variedade: Universidade e Ensino, Património Científico e Biblioteconómico, Património Artístico, A Vida Económica da Universidade, Reitores e Professores, Origem Geográfica e Social dos Estudantes, Quotidiano e Sociabilidade Estudantil na Cidade Universitária, Práticas Simbólicas, Imagens da Universidade na Literatura, Universidade e Cultura, Universidade e Igreja, Universidade e Inquisição, Universidade e Poder Político e, finalmente, Universidade Contemporânea — Experiências e Perspectivas. E também denunciam esse desejo de «actualidade» da História os temas das conferências com que abrimos e encerrámos o Congresso — os problemas da essência e da autonomia da Universidade, questões complexas, polémicas e sempre presentes e futuras.

Para terminar — e pedindo a V. Ex.<sup>as</sup> um pouco mais de paciência para me ouvir — permito-me ainda ler a curta «Nota de Apresentação» das actas do Congresso, que revelam talvez, melhor do que outras quaisquer palavras, o sentir da sua Comissão Organizadora. Apenas pedirei licença para introduzir nesse texto uma ligeira alteração, recolhendo uma ideia que foi depois expressa na «Nota Final» com que encerrámos o 5.º e último volume:

Durante o recente Centenário da Revolução Francesa (tão difundido em termos de *mass media* e tão produtivo em termos científicos e culturais como o foi polémico), nas vésperas do 14 de Julho e do apoteótico e «consensual» cortejo dos Campos Elíseos, quando a «esquerda independente» francesa protestava na Bastilha contra o modo como se realizavam as comemorações e a «direita» preparava uma manifestação de protesto contra-revolucionário, um articulista do jornal *Libération* afirmava sentenciosamente que as celebrações dos acontecimentos lançam mais luz sobre o tempo em que se realizam do que sobre a história dos próprios acontecimentos. É uma verdade o que disse o periodista, mesmo que se trate de uma «verdade parcial», como provavelmente todas as «verdades».

Dir-se-á, com efeito, agora e no futuro, que este 7.º Centenário da Universidade de Coimbra dará a conhecer um pouco da realidade do nosso tempo e o que ele pensa e sente da instituição «Universidade».

Detectar-se-ão velhas e subentendidas polémicas e novas realidades culturais, científicas e ideológicas. Descobrir-se-ão inércias e movimentos dinâmicos, concepções tradicionalistas e projectos inovadores. Captar-se-á, sem dúvida, a complexidade própria de uma instituição onde se cruza a tradição e o anseio de progresso, de uma instituição



em que se afirma a «autonomia», com todas as suas contradições em relação ao Poder, ou aos poderes, onde se ouve a resposta e o silêncio aos desafios de uma sociedade em mudança, em que a Universidade é simultaneamente valorizada e secundarizada.

O Congresso «História da Universidade» será, também, com certeza, revelador do que se passa no nosso tempo, neste ano do Centenário. E sê-lo-á até porque nunca foi entendido numa perspectiva de «História» em sentido estrito e «técnico», por certo já desactualizado. Dará, talvez, a conhecer a acepção que hoje — em tempos «pós-modernos» — tem a História e a Ciência. Situou-se ele numa linha de interdisciplinaridade — foi por isso que se abriu não só a «historiadores de ofício», mas a cientistas e homens de cultura das mais variadas formações. Formulou-se num espaço internacional, que se concretizou na medida do possível, abrindo-se ao estudo das várias universidades, portuguesas e estrangeiras. Colocou-se num tempo de passado e de passado-presente — daí que se tenha procurado analisar «o que aconteceu» e se tenha tentado debater a Universidade de hoje com todos os seus problemas. E, mesmo nesse passado, não se contemplou apenas o exercício científico de investigar metodicamente, através dos documentos e da sua interpretação (mais «positivista» ou mais «conceptualizante», conforme a formação dos historiadores), o objecto de análise que constitui a «Universidade» — desejou-se também perscrutar a «memória» acerca da Universidade.

Foi esta, pois, a posição assumida pela Comissão Organizadora do Congresso «História da Universidade». Por isso às suas actas se deu o significativo título — *Universidades(s). História, Memória, Perspectivas*. Trata-se de um risco que deliberadamente foi assumido. Um risco que levou mesmo esta Comissão a publicar quase todas as comunicações apresentadas, mesmo algumas que, provavelmente, ofereceriam certas dúvidas ao «cientista» mais «exigente».

Espera-se, porém, que os cerca de 130 artigos publicados, deste Congresso que se quis «não comemoracionista», não só lancem alguma luz sobre a realidade destas comemorações, como contribuam para dar a conhecer o sentido histórico da Universidade ou das Universidades. Conforme sugeriu o Magnífico Reitor, no seu discurso proferido na sessão de abertura do Congresso, deseja-se que este conjunto de trabalhos abra as portas ao estudo sistemático da História da Universidade — em particular da Universidade de Coimbra e da Universidade em geral.

Nada mais poderíamos fazer para celebrar o 7.º Centenário da Universidade Dionisiana, criada em Lisboa em 1290, transferida definitivamente para Coimbra em 1537, depois de por aqui ter estado no século XIV, e que perdura até à actualidade, com os seus problemas e as suas ansiedades quanto ao futuro. No fundo, foi também a Universidade

Portuguesa que procurámos celebrar. Sete séculos de história bem o justificam...

### SEMINÁRIO SOBRE

*L'observation sociale en France durant  
la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle*

Alain Corbin, professor das Universidades I e IV da Sorbonne, Director do Centre de Recherches sur l'histoire du XIX<sup>e</sup> siècle e Presidente da Société d'Histoire de la Révolution de 1848 et des Révolutions du XIX<sup>e</sup> siècle, é autor de uma obra historiográfica diversificada, que abriu novas perspectivas no domínio da história rural, da história social, da história das mentalidades e de que destacaremos apenas alguns exemplos.

A sociedade rural é objecto de análise na obra *Archaïsme et modernité en Limousin au XIX<sup>ème</sup> siècle* (tese de doutoramento — 1975), como o interesse pela história social é revelado de forma muito inovadora, abrindo novas perspectivas de análise historiográfica, no seu trabalho *Les filles de noce. Misère sexuelle et prostitution aux 19 et 20 siècles* (1978), um dos primeiros estudos sobre a prostituição feminina. Nos anos 80 a sua obra *Le miasme et la jonquille. L'odorat et l'imaginaire social XVIII-XIX siècle* (1982) conhece traduções em várias línguas, nomeadamente em português. A análise da «revolução olfactiva» na génese de conflitos sociais é de assinalável originalidade. O autor continua a explorar domínios pouco estudados como acontece na sua obra *Le territoire du vide. L'Occident et le désir du rivage 1750-1840* (com tradução em português). O irresistível despertar do desejo colectivo pela contemplação do oceano e a inquietude social a ele subjacente é analisado pelo historiador de forma sugestiva.

Exemplar é também a descrição, e sobretudo a interpretação, que faz do «drama d'Hautefaye», em que recorre largamente a elementos de etnologia, antropologia e sociologia para explicar como uma comunidade rural em 1870, para exorcizar o medo do «complot prussiano» — ameaça ao Império — suplicia um cidadão em nome do Imperador. Alain Corbin contribui, com a sua obra, *La village des cannibales* (1990), para uma mais sólida compreensão do bonapartismo rural.

Do seu percurso historiográfico e da geração de historiadores que integra falou Alain Corbin na Conferência que proferiu no dia 23 de Maio de 1990 sob o título *De l'histoire des mentalités à l'anthropologie sociale: réflexion sur l'évolution de l'histoire culturelle*, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a convite do Instituto de História e Teoria das Ideias, do Instituto de História Económica e Social e da Alliance Française de Coimbra. De 21 a 24 de Maio dirigiu